

“Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até o fim” (Ec 3.11).

Com a frase “Deus pôs no coração do homem a eternidade”, o autor bíblico afirma a perspectiva da eternidade, perspectiva essa que impulsionará, tal como um combustível, a vida humana aqui na terra.

A perspectiva do fim iminente funciona como óculos que nos fazem enxergar as coisas de modo diferente. Eclesiastes afirma isso ao falar da morte. Afinal, pensa ele, todos irão um dia para o túmulo. O Novo Testamento acrescenta mais um elemento na perspectiva de fim iminente: a vinda de Jesus, que pode acontecer a qualquer momento.

Quando percebemos que o nosso fim pode chegar com a nossa morte, ou que nossa história na terra terminará com a vinda de Cristo, ambas as coisas iminentes, entendemos como a vida é transitória.

Mas essa visão da vida, quando equilibrada, é saudável. Pela perspectiva da transitoriedade, percebemos o real valor das coisas. Damos valor ao que deve efetivamente ser valorizado, menosprezamos aquilo que não precisamos valorizar.

Passamos a enxergar as coisas como efetivamente são e não como o mundo secularizado quer que sejam. Saímos da roda do consumismo, da popularidade doentia, da ambição desenfreada.

Ninguém imagina que sairá de casa para estudar e nunca mais retornará. Mas isso acontece com frequência com pessoas de todas as idades.

Você, querido leitor deste texto, viva com sabedoria a vida que Deus lhe deu. As lições deste número de Atitude, extraídas dos livros de sabedoria do Antigo Testamento, nos ajudarão neste propósito.

Bons estudos.

# Atitude

REVISTA DO JOVEM CRISTÃO

**Atitude Aluno** é uma revista que destina-se aos jovens (18 a 35 anos), contendo lições para a Escola Bíblica Dominical, artigos gerais, passatempos bíblicos e outras matérias que promovem o aperfeiçoamento do jovem nas mais diferentes áreas

Copyright © Convicção Editora  
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização  
por Convicção Editora  
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

## Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972  
Rio de Janeiro, RJ  
Telegráfico – BATISTAS

## Editor

Sócrates Oliveira de Souza

## Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

## Redação

Valtair Afonso Miranda

## Produção Editorial

Oliverartelucas

## Produção e Distribuição

Convicção Editora  
Tel.: (21) 2157-5567  
Rua José Higino, 416 – Prédio 16  
Sala 2 – 1ª Andar – Tijuca  
Rio de Janeiro, RJ  
CEP 20510-412  
literatura@conviccaeditora.com.br

ISSN 1984-8633  
LITERATURA BATISTA  
ANO CXIII – Nº 453

## AUTOR DOS ESTUDOS DA EBD

As lições deste período foram escritas pelo **Pr. Fernando Ecard**, pastor batista, membro da Igreja Batista Carioca, estudou no Seminário Teológico Batista Serrano – Nova Friburgo, RJ. Foi presidente da Juventude Batista Serrana (JUBASE) e Juventude Batista do Estado do Rio de Janeiro (JUBERJ). Casado com Sara Castilho.

## NOTA DA REDAÇÃO

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões do corpo redatorial da revista

---

## //SUMÁRIO

### //EBD

Lição 1 – A vida de Jó – Princípio e fim .....	13
Lição 2 – Uma discussão sobre o sofrimento .....	18
Lição 3 – Os amigos acusam Jó e ele se defende .....	23
Lição 4 – Argumentos e contra-argumentos.....	28
Lição 5 – A presença do bem e do mal na vida do homem.....	33
Lição 6 – Depois da discussão humana, o ponto final divino.....	38
Lição 7 – Instrução paterna – Conselhos aos filhos.....	43
Lição 8 – Exaltação à sabedoria .....	48
Lição 9 – Conselhos sobre o procedimento no viver .....	53
Lição 10 – Preceitos para a vida prática .....	58
Lição 11 – Há tempo para tudo na vida do homem.....	63
Lição 12 – O mistério dos atos de Deus .....	68
Lição 13 – Exaltação ao amor na família .....	73

### //SEMPRE EM ATITUDE

Leitura bíblica .....	7
Tema da EBD .....	5
Passatempo bíblico .....	78
Passatempo bíblico .....	83
Passatempo bíblico .....	89

### //AINDA EM ATITUDE

Medo da solidão.....	79
A soberania esquecida de Deus .....	84
Teologia sapiencial.....	90

# » LEITURA BÍBLICA

## Semana 1

SEG Jó 1.1-12  
TER Jó 1.13-22  
QUA Jó 2.1-6  
QUI Jó 2.7-10  
SEX Jó 2.11-13  
SÁB Jó 42.1-9  
DOM Jó 42.10-17

## Semana 2

SEG Jó 3; 4  
TER Jó 5; 6  
QUA Jó 7; 8  
QUI Jó 9; 10  
SEX Jó 11; 12  
SÁB Jó 13  
DOM Jó 14

## Semana 3

SEG Jó 15  
TER Jó 16  
QUA Jó 17  
QUI Jó 18  
SEX Jó 19  
SÁB Jó 20  
DOM Jó 21

## Semana 4

SEG Jó 22  
TER Jó 23; 24  
QUA Jó 25; 26  
QUI Jó 27; 28  
SEX Jó 29  
SÁB Jó 30  
DOM Jó 31

## Semana 5

SEG Jó 32  
TER Jó 33  
QUA Jó 34.1-20  
QUI Jó 34.21-37  
SEX Jó 35  
SÁB Jó 36  
DOM Jó 37

## Semana 6

SEG Jó 38.1-20  
TER Jó 38.21-41  
QUA Jó 39.1-15  
QUI Jó 39.16-30  
SEX Jó 40  
SÁB Jó 41.1-16  
DOM Jó 41.17-34

## Semana 7

SEG Provérbios 1  
TER Provérbios 2  
QUA Provérbios 3  
QUI Provérbios 4  
SEX Provérbios 5  
SÁB Provérbios 6  
DOM Provérbios 7

## Semana 8

SEG Provérbios 9  
TER Provérbios 10  
QUA Provérbios 11  
QUI Provérbios 12  
SEX Provérbios 13  
SÁB Provérbios 14  
DOM Provérbios 15

## Semana 9

SEG Provérbios 16  
TER Provérbios 17  
QUA Provérbios 18  
QUI Provérbios 19  
SEX Provérbios 20  
SÁB Provérbios 21  
DOM Provérbios 22

## Semana 10

SEG Provérbios 23; 24  
TER Provérbios 25; 26  
QUA Provérbios 27  
QUI Provérbios 28  
SEX Provérbios 29  
SÁB Provérbios 30  
DOM Provérbios 31

## Semana 11

SEG Eclesiastes 1  
TER Eclesiastes 2.1-13  
QUA Eclesiastes 2.14-26  
QUI Eclesiastes 3  
SEX Eclesiastes 4  
SÁB Eclesiastes 5  
DOM Eclesiastes 6

## Semana 12

SEG Eclesiastes 7.1-15  
TER Eclesiastes 7.16-29  
QUA Eclesiastes 8  
QUI Eclesiastes 9  
SEX Eclesiastes 10  
SÁB Eclesiastes 11  
DOM Eclesiastes 12

## Semana 13

SEG Cântico dos Cânticos 1  
TER Cântico dos Cânticos 2  
QUA Cântico dos Cânticos 3  
QUI Cântico dos Cânticos 4  
SEX Cântico dos Cânticos 5  
SÁB Cântico dos Cânticos 6  
DOM Cântico dos Cânticos 7; 8

# OS LIVROS POÉTICOS

PAULA CORRÊA WELTE BOECHAT SALES\*

RIO DE JANEIRO, RJ

Antes de nos debruçarmos sobre os livros poéticos, faz-se necessário reconhecer que a maneira pela qual a sociedade percebe a realidade e produz conhecimento varia conforme o tempo e a cultura. Hoje, nota-se uma extrema valorização da historicidade e cientificidade dos fatos. Por vezes, a relevância de uma argumentação e mesmo de uma obra literária está intimamente ligada à capacidade delas serem testadas, mensuradas e, de preferência, comprovadas. Entretanto, isso nem sempre foi assim. Essa perspectiva contemporânea de observar o mundo e o desencadear dos acontecimentos – norteadora da

cosmovisão ocidental – é o primeiro entrave para a interpretação das Escrituras e, conseqüentemente, para a fundamentação da fé cristã.

Por certo, a historicidade é importante para a fé. Tanto a teologia tradicional hebraica quanto a cristã retratam o Deus da Bíblia como um Deus que, diferente das divindades pagãs, age no cotidiano e caminhar do seu povo. No cristianismo, tal embasamento histórico das afirmações de fé torna-se ainda mais fundamental, uma vez que o próprio dogma da encarnação deve possuir forte ligação com a história concreta. Nesse sentido, para o que crê, é

\* Pós-graduanda em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão no Seminário Batista do Sul. Pós-Graduada em Ensino da Língua Inglesa na Universidade Estácio de Sá. Licenciada em Letras – Inglês pela Universidade Estácio de Sá (2018). Bacharel em Teologia pelo Instituto Metodista Bennett (2013). É missionária da Junta de Missões Nacionais e professora do Seminário Teológico Batista do Sul.

de extrema importância que a vida, mensagem, morte e ressurreição de Jesus não sejam suscetíveis de verificação.

Por outro lado, faz-se cada vez mais difícil a compreensão das narrativas bíblicas como textos historiográficos, isto é, demonstráveis e comprováveis na história. Assim, é preciso encontrar uma solução intermediária para a questão: uma que permita, ao mesmo tempo, uma análise racional do texto sagrado e uma observação teológica de seus ensinamentos. Propõe-se, então, o estudo da Palavra por meio de uma dependência total da fé – premissa sem a qual não é possível sequer fazer teologia. Não obstante, o leitor deve munir-se de ferramentas textuais, metodológicas, históricas e socioculturais para compreender tanto o que o texto disse em seu tempo quanto o que podemos trazer de interpretação na atualidade.

Não é demérito, de modo algum, reconhecer as falhas em determinar precisamente a qual data, local, povo ou autor uma porção das Escrituras pertenceu. É, porém, mais sensato, seguro e, mesmo justo, afirmar que quanto mais sabemos do contexto da obra, mais próximos chegamos a seu sentido original e, conseqüentemente, a sua aplicabilidade para hoje.

Tendo em mente tais considerações, passamos a estudar os livros poéticos. Essa categorização não é dada aos livros pela maneira com que romanceiam os relatos ou por uma

visão fictícia e fantástica da realidade. Na verdade, o nome se dá pela forma de escrita dos livros e pelas expressões utilizadas. Seu estilo é em paralelismo, ou seja, o texto é escrito com a correspondência das ideias e da linguagem entre os versos<sup>1</sup>. Já as palavras, são pensadas para atribuir beleza e ritmo ao texto. Esses são constituídos por Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos. Os dois últimos, todavia, não eram considerados poéticos pelos estudiosos judeus e, sim, pertencentes aos “cinco rolos”.

Cabe destacar, ainda que, em nosso estudo, não veremos o livro de Salmos uma vez que este foi objeto de análise em edição anterior. Buscaremos compreender, portanto, melhor o contexto e arcabouço cultural e histórico em que o livro de Jó, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos foram escritos, investigando de que modo eles influenciaram e foram influenciados pelo povo de Israel.

Ademais, cremos que homens inspirados por Deus redigiram essas obras de extrema importância e sabedoria. Assim, nosso foco será entender mais a mensagem que eles podem nos trazer como jovens cristãos e perceber de que forma eles nos permitem conhecer mais de Deus e sua missão esperançosa e salvífica para o mundo nos dias atuais.

---

<sup>1</sup> GAGLIARDI JR. Angelo. **Panorama do Velho Testamento**. Niterói, RJ: Ed. Vinde Publicações, 1995. p. 176.

## O LIVRO DE JÓ

Embora não haja concordância entre os estudiosos quanto à autoria do livro de Jó, afirma-se que o título deste livro é dado pelo personagem principal. A trama textual gira em torno da retidão e integridade de Jó diante de Deus e dos homens, os sofrimentos pelos quais ele passa e a soberania de Deus. Essa impossibilidade na determinação do autor inviabiliza também a possibilidade de precisar uma data de edição da obra. No entanto, pode-se atribuí-la ao período patriarcal, devido a certos aspectos textuais bem como a uma série de semelhanças entre o estilo de vida dos patriarcas e o do personagem, tais como:

- 1) A seleção vocabular,
- 2) A ausência de citações a respeito da lei mosaica ou história do povo de Israel;
- 3) A referência de riquezas a partir do número de rebanhos e servos (1.3);
- 4) A longevidade de Jó, que viveu mais 140 anos após sua restauração (42.16);
- 5) O papel sacerdotal que Jó desempenha em sua família (1.5)<sup>2</sup>.

A não definição de autoria e data não são suficientes para conceder a Jó caráter fictício, tampouco para ofuscar sua aparição como modelo moral e espiritual no cânon bíblico. Ao contrário, ele é mencionado tanto

<sup>2</sup> GAGLIARDI JR. Angelo. **Panorama do Velho Testamento**. Niterói, RJ: Ed. Vinde Publicações, 1995. p. 179,180.

Os livros sapienciais nos permitem conhecer mais de Deus e sua missão esperançosa e salvífica para o mundo nos dias atuais

no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento (Ez 14.14,20; Tg 1.5).

A despeito das dificuldades de linguagem e, por vezes, de pensamento, e das diversas abordagens para a questão, não se pode negar a relevância tampouco a universalidade do tema: sofrimento<sup>3</sup>. Para tal, o texto conta com uma composição bastante rica e diversificada, combinando prosa (prólogo, 1.1-2.13; epílogo, 42.7-17), poesia (discursos) e diálogo.

O livro conta a história de um homem íntegro, temente a Deus e que se desvia do mal. Ele é proveniente da terra de Uz, rico e próspero: possui filhos e filhas, diversos servos e rebanhos. Como resultado de um diálogo entre Deus e Satanás, Jó perde tudo e é posto à prova. É interessante observar que, no diálogo estabelecido nas regiões celestiais,

<sup>3</sup> LOUIS SKA, J. **Introdução ao Antigo**: 1. Introdução. Tradução de Silvana Cobucci Leite. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

o próprio Senhor chama atenção do adversário para seu servo Jó, declarando-o justo e fiel. Diante disso, o inimigo afirma que se Deus tomar as bênçãos do seu fiel servo, ele irá se corromper e se virar contra seu Senhor. Satanás atribui a fidelidade de Jó a interesse e prosperidade. O Altíssimo permite, pois, que o adversário toque nas riquezas, servos, filhos e até em sua saúde, sem, contudo, lhe tirar a vida.

No decorrer da obra, os amigos de Jó vão visitá-lo e permanecem em silêncio por sete dias diante do que veem. Posteriormente, inicia-se uma longa série de diálogos e, sobretudo, monólogos, os quais discorrem sobre o mesmo tema: as causas do sofrimento humano e, mais especificamente, de Jó. Eles defendem, na realidade, uma teologia recompensatória e meritória comum à sociedade da época, que se baseia em um ciclo contínuo de quatro etapas: PECADO, CONSEQUÊNCIA/CONDENAÇÃO, ARREPENDIMENTO, SALVAÇÃO. Esta é, de certo modo, semelhante à teologia da prosperidade, no sentido de que, para ambas, a ação humana move a mão de Deus em favor ou contra o seu povo. A teologia que encontramos no livro de Jó, contudo, se afasta destas, uma vez que, independentemente do sofrimento ou prosperidade humana, a soberania de Deus está sobre o mundo e sobre o seu povo. Ele é o criador e tem o domínio e controle de sua criação. Nada lhe escapa e nada supera seu poder.

O livro de Jó é um tratado teológico que aborda e põe em cheque crenças e elementos da sabedoria tradicional. Dois aspectos, portanto, saltam em termos de temática e propósito. Primeiro, percebe-se que, além da relação entre boas ações e felicidade versus pecado e punição, é possível ver a sinceridade de Jó ao esbravejar diante de Deus e negar ter cometido pecados que justificaram as desgraças que o alcançaram. Ele não nega ter cometido delitos em algumas ocasiões (7.20,21; 10.14,15), entretanto, a proporção entre suas atitudes e sua punição parece inadequada. Um segundo elemento surpreendente é a reação de Deus no epílogo. Em vez de um Deus punitivo e impaciente com os discursos inflamados e veementes de Jó contra seu governo, ele condena as atitudes dos amigos que defenderam a justiça divina e recriminaram o comportamento de Jó. Para Deus, seu servo falou com integridade (42.7), mostrando-se, pois, a favor do contestador rebelde. Isso demonstra que as injustiças e mazelas do nosso mundo são contempladas pelo próprio Deus<sup>4</sup>.

Em termos de conclusão, tanto os sofrimentos quanto a atitude, de certa forma, rebelde mas sincera de Jó ficam em segundo plano. Por certo, a questão central não é simplesmente sua prosperidade, sua desgraça, os “porquês”, a justiça da época nem sequer o sofrimento humano. Deus responde. Deus se revela. Deus não

---

<sup>4</sup> LOUIS SKA, J. **Introdução ao Antigo**: 1. Introdução. Tradução de Silvana Cobucci Leite. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

se dobra nem cabe nos pensamentos de Jó, de seus amigos ou de nenhum outro homem (Is 55.8,9). Ele revela quem é (Jó 38.1-41.34) e demonstra seu caráter, seu domínio e sua soberania em todo tempo, nos momentos bons ou ruins.

## O LIVRO DE PROVÉRBIOS

“Provérbios” ou “Provérbios de Salomão” (heb. *mashal*, “ser como” ou “ser comparado a”) é um livro composto por expressões e sentenças curtas e sucintas que contêm instruções, lições morais e ensinamentos para vida. Tratam-se de preceitos concisos extraídos de longas experiências. Este estilo literário expressa uma forma de ensino comum no antigo Oriente, na qual o sábio combina advertências oportunas a conselhos de bom senso, com o propósito de incentivar o aprendiz a viver de maneira correta e sensata<sup>5</sup>.

Por não tratar de aspectos propriamente teológicos, o texto contou com a resistência de alguns rabinos para compor o cânon hebraico<sup>6</sup>. Contudo, a vasta abrangência de seus preceitos empíricos bem como a temática de assuntos tão importantes e acessíveis à razão humana lhe conferem tamanha relevância tanto para o crente em Deus hoje quanto para o do tempo em que o livro foi produzido. De fato, sem citar doutrina, o autor dá conselhos práticos de

como viver em conformidade com a sabedoria divina.

De maneira geral, concorda-se que a autoria e compilação dessa obra foram realizadas pelo rei Salomão (Pv 1.1), o qual, segundo 1Reis 4.32, proferiu 3.000 provérbios e 1.005 cânticos. Atribuem-se a ele as seções compreendidas entre Provérbios 1.1-9.18; 10.1-22.16; 25.1-29.27. Pouco se sabe acerca de Agur, a quem se atribui o capítulo 30 de Provérbios. O mesmo se pode afirmar a respeito de Lemuel, supostamente autor do capítulo 31. Deste modo, tomando como referência o reinado de Salomão (971-931 a.C.), aceita-se que a maior parte desta coletânea foi produzida e reunida até o século X a.C., fechando-se a obra até, aproximadamente, o século VII a.C. – período no qual ocorre a seleção e o trabalho de coleção dos sábios do rei Ezequias<sup>7</sup>.

Em termos de conteúdo, verifica-se no livro de Provérbios uma expressão clara da cultura da época mesclada de valores práticos fundamentais. Abordam-se assuntos como: juventude e prudência, relacionamentos, vida familiar, casamento, resiliência diante das tentações, o controle sobre as palavras, orientações sobre negócios, busca da verdade etc<sup>8</sup>. São trabalhadas, ainda, diversas antíteses: bem e mal, vida e morte, riqueza e pobreza, decência e imoralidade, fidelidade e adultério

<sup>5</sup> GAGLIARDI JR. Angelo. **Panorama do Velho Testamento**. Niterói, RJ: Ed. Vinde Publicações, 1995. p. 198.

<sup>6</sup> Idem, p. 199.

<sup>7</sup> BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>8</sup> BÍBLIA DE ESTUDO Aplicação Pessoal. CPAD, 1995.

etc. Observam-se todos esses preceitos à luz da sabedoria. De fato, esta se faz tão presente nesta porção das Escrituras que, nos capítulos 8 e 9, encontra-se, inclusive, personificada (Pv 8; 9.1-3). Devido à importância dessas temáticas para uma vida cristã conforme a vontade de Deus, alguns princípios de Provérbios serão trabalhados mais atentamente durante as lições apresentadas nesta revista.

Por fim, dois aspectos a respeito da natureza desta obra devem nos acompanhar durante a leitura: sua abrangência e seu caráter prático. O primeiro nos ajudará a lembrar que o livro de Provérbios refere-se a diversas áreas e momentos de nossa vida. É para toda gente – todos nós – trazendo a luz da sabedoria até os cantos mais escuros e escondidos dos nossos corações. O segundo reforça a necessidade de nos

▪   ▪   ▪  
▪   ▪   ▪  
▪   ▪   ▪   *Mais do que*  
▪   ▪   ▪   *conhecer*  
▪   ▪   ▪   *e admirar,*  
▪   ▪   ▪   *precisamos*  
▪   ▪   ▪   *praticar a*  
▪   ▪   ▪   *Bíblia para que*  
▪   ▪   ▪   *cumpramos a*  
▪   ▪   ▪   *boa, perfeita*  
▪   ▪   ▪   *e agradável*  
▪   ▪   ▪   *vontade de Deus*  
▪   ▪   ▪  
▪   ▪   ▪  
▪   ▪   ▪

achegarmos ao texto mais do que simples expectadores ou apreciadores. Certamente, as verdades e caminhos deste livro podem nem sempre ser fáceis, porém, mais do que meramente conhecidos e admirados, devem ser experimentados e vivenciados para que cumpramos a boa, perfeita e agradável vontade de Deus (Rm 12.2).

## **CÂNTICO DOS CÂNTICOS E ECLESIASTES**

Como mencionado anteriormente, “Cantares” ou “Cânticos dos Cânticos” (heb. *Shir Hashirim*) e “Eclesiastes” (heb. *Qohelet*, lit. o Pregador, aquele que fala na assembleia) não foram considerados poéticos pelos estudiosos judeus. Tais livros pertenciam aos “cinco rolos” ou “pergaminhos”, obras lidas em períodos de celebrações judaicas, exaltando a cultura e valores desse povo. O teor altamente cultural e prático desses livros não é combinado a reflexões teológicas ou doutrinárias. Embora a autoria de “Cântico dos Cânticos” seja, com maior consenso, atribuída ao rei Salomão (Ct 1.1), a autoria de “Eclesiastes” (Ec 1.1) permanece enigmática. Sabe-se apenas que o “Pregador” redigiu este texto e que o autor foi filho do rei Davi e também rei de Israel. Assim, alguns conferem a data de edição e compilação desses livros a um período correspondente ou próximo aos 40 anos de reinado de Salomão (971-941 a.C.) ou ao período pós-exílico. Fato é que a riqueza do conteúdo e das temáticas bastante humanas desses livros

sobrepõem questões de autoria e data. As mensagens de ambas as obras fazem-se vívidas e relevantes para os crentes até hoje.

O livro de “Cântico dos Cânticos” refere-se a uma poesia lírica típica do Oriente Médio que conta uma história de amor campestre entre a Sulamita e seu amado, o rei Salomão – repleta de anseios, buscas, encontros e desencontros e votos de amor e fidelidade. O poema não segue uma sequência lógica cronológica, sendo composto por *flashbacks* e coros entrecortando o relato<sup>9</sup>. O cântico nupcial é constituído, ainda, por linguagem metafórica, que visa retratar o desejo e a intensidade das emoções entre o casal. Com o intuito de instigar os sentidos e abordar as alegrias do amor, encontramos também diversos elementos típicos da época e cultura em que o texto foi escrito, como plantas e arbustos (Ct 1.12-14,16,17; 2.1-3,5,12-15; 3.6,9; 4.5; 7.8), animais (Ct 1.7-9,15; 2.7,9,12,14,15,17; 4.1,5,8; 6.5; 7.3; 8.4), pedras preciosas (Ct 1.11; 3.10; 5.14,15; 7.1), temperos (Ct 4.14), edificações e locais importantes (Ct 1.5,14; 4.1,4,8,12; 7.4,5)<sup>10</sup>.

O conteúdo e o propósito, contudo, são permeados de algumas contradições das quais apontaremos três. O primeiro questionamento diz respeito à compreensão de Cântico: não há consenso se o livro deve ser in-

terpretado somente de modo literal, como coletânea de cantos de amor carnal, entre homem e mulher; ou em uma perspectiva alegórica, como expressão do amor de Deus por seu povo Israel; ou mesmo, em uma perspectiva mais histórica, como retrato do amor de um rei (neste caso, Salomão) por sua esposa. O segundo refere-se à estrutura de Cântico. Apesar de muitos estudiosos defenderem uma estrutura dialógica, entre esposa e esposo, nem sempre se faz clara a distinção das vozes de ambos, tampouco a dos outros personagens que os rodeiam e os interpelam como a mãe, os irmãos, os meninos e as meninas, os pastores etc. Por fim, o último questionamento a ressaltar é relacionado à unidade da composição. Não há acordo se os oito capítulos estabelecem um todo orgânico e harmonioso ou se a obra é, na realidade, um conglomerado de poemas sobrepostos, sem separação definida entre os poemas ou uma estrutura identificável – como, por exemplo, o soneto<sup>11</sup>.

Talvez, essas não sejam as questões mais simples de serem respondidas nem as perguntas mais certas a serem feitas frente ao texto sagrado. A suposta composição única, a certeza da estrutura ou mesmo se há a possibilidade de uma interpretação mais mística e alegórica em vez de puramente erótica não são os aspectos mais importantes do livro. Fato é que encontramos uma representação valiosa do amor entre um ca-

<sup>9</sup> GAGLIARDI JR. Angelo. **Panorama do Velho Testamento**. Niterói, RJ. Ed. Vinde Publicações, 1995. p. 198.

<sup>10</sup> BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>11</sup> LOUIS SKA, J. **Introdução ao Antigo**: 1. Introdução. Tradução de Silvana Cobucci Leite. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

sal. Trata-se de uma manifestação sobre casamento, família, geração de filhos, fidelidade, desejo e intensidade. Essas facetas da experiência humana partem de Deus e falam de Deus até mesmo quando ele não é sequer mencionado – como ocorre no livro. Deus cria o homem e a mulher e gera entre eles sentimentos e vontades. Isso é santo e isso é humano. O divino e o carnal encontram-se em Cântico dos Cânticos.

Da mesma forma, o livro de Eclesiastes possui lições para o povo de Deus no passado e no presente. Certamente, não se trata de uma leitura leve e simples de ser feita. Mesmo após uma rápida leitura dos doze capítulos do livro, o leitor pode compreender a hesitação da tradição rabínica em admiti-lo no cânon bíblico. O texto traz reflexões duras e desencantadas as quais evocam a efemeridade da condição humana. É possível perceber a visão cética e pessimista do autor acerca do sentido da vida no conhecido trecho “Vaidade das vaidades, diz o Pregador, vaidade das vaidades: tudo é vaidade” (Ec 1.2). Embora o termo hebraico *hebel* tenha sido traduzido como “vaidade”, na realidade, significa “sopro de vento”, “hálito”, “fumaça”, referindo-se à ideia de vaporosidade, tenuidade, isto é, inconsistência da vida humana<sup>12</sup>. Para expressar essa ideia, o autor usa provérbios, parábolas e estribilhos repetitivos (“tudo é vaidade”, “debaixo do sol”, “Eu vi”), intercalando diversas vezes

testemunhos apáticos e pessimistas (Ct 1.16-18; 2.3,8-11,24; 4.2,3) com confissões de fé piedosas (Ct 12.1,13,14)<sup>13</sup>.

O propósito bem como os temas de Eclesiastes giram em torno da razão da existência humana e, sobretudo, se vale a pena viver diante de sua pequenez e inconsistência. Diante da iniquidade e malvadez deste mundo, o autor escolheria a não-existência, e mesmo, a morte. Sua concepção da vida não chega ao tom dramático que Jó atinge, amaldiçoando o dia do seu nascimento e a noite de sua concepção, mas é tão desiludida quanto a dele (Jó 3.1-3; Ec 4.2,3). Por fim, o Pregador parece convencido de que, se tudo é efêmero e passageiro, o melhor e mais proveitoso é, de fato, trabalhar, comer o pão, beber o vinho, desfrutar os dias com a amada e procurar encontrar alegria e satisfação nos pequenos prazeres da vida, pois todas esses deleites são dádivas do próprio Deus (2.24; 3.12,13,22; 8.15)<sup>14</sup>.

Em conclusão, o Pregador encontra contentamento em se agradar com as alegrias simples, tomar consciência da inconsistência da vida e saber que Deus conhece e faz juízo de todas as coisas, as boas e as más. Resumindo, a despeito de compreender o sentido da vida ou daquilo que lhe dá sentido, temer ao Senhor e guardar seus preceitos já são o suficiente.

<sup>13</sup> GAGLIARDI JR. Angelo. **Panorama do Velho Testamento**. Niterói, RJ: Ed. Vinde Publicações, 1995. p. 207.

<sup>14</sup> LOUIS SKA, J. **Introdução ao Antigo**. 1. Introdução. Tradução de Silvana Cobucci Leite. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

<sup>12</sup> LOUIS SKA, J. **Introdução ao Antigo**: 1. Introdução. Tradução de Silvana Cobucci Leite. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

# A VIDA DE JÓ

## PRINCÍPIO E FIM

**TEXTO BÍBLICO****JÓ 1; 2; 42****TEXTO ÁUREO****JÓ 1.21**

### » PRA COMEÇAR

Há quem diga que a vida é uma aventura. Acreditam que tudo é acidental, inesperado ou repleto de riscos, como destaca o Dicionário Aurélio. Vamos percorrer uma grande aventura, mas não dessas acidentais, levianas ou perigosas. Percorreremos a história de Jó, um bravo homem que, no sentido mais etimológico da palavra, enfrentou aventuras que o tornaram mais forte, corajoso e, principalmente, próximo de Deus. Encontramos no decorrer deste texto bíblico um homem reto e adorador do SENHOR, a quem Deus tocou, por insistência de Satanás, e viu sua vida mudar totalmente, só que, inicialmente, para pior. E se perdêssemos tudo o que consideramos importante e precioso em nossa vida? Continuaríamos adorando a Deus? Como enfrentar um momento como o que Jó passou e ainda assim permanecer com esperança? Com a história de Jó aprendemos que não trocar nossa adoração por bens materiais nos leva a um relacionamento mais profundo com Deus.

# » COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

## Uma vida bem vivida na presença de Deus

A caminhada cristã é feita de muitos desafios. Não é à toa que somos identificados como peregrinos, aqueles que fazem longas viagens em direção a um lugar santo. Como bons peregrinos, um dos primeiros desafios é nos preparar para os momentos ruins que podemos passar durante a viagem. Pois, quando começarmos a peregrinar, não podemos olhar para trás, mas seguir em frente, como nos ensina Lucas 9.62.

Viver uma vida bem vivida na presença de Deus é um desafio. Mas não é um desafio impossível de ser cumprido. Principalmente se seguimos as orientações bíblicas deixadas por Deus e que podemos aprender com a história de Jó.

O livro de Jó é elaborado quase em sua totalidade no estilo poético. Portanto, encontramos nele como viver bem na presença de Deus em forma de poesia. É poetizando que a Bíblia também nos ensina.

Uma das características que aprendemos nessa história, explorando Jó 1.1, é que devemos ser pessoas tementes a Deus. Ser temente a Deus não é reconhecê-lo como terrível ou ter medo. Deus não quer nos atrair mais pelo medo do que pela sua bondade e amor. Temer ao Senhor é re-

verenciá-lo, é considerá-lo acima de qualquer outra coisa e, principalmente, adorá-lo. Mesmo sendo de uma terra distante dos patriarcas da fé (Abraão, Isaque e Jacó), Jó adorava ao Senhor, o reverenciava por quem ele é, e o considerava provedor de todos os seus bens.

Outra característica que encontramos e observamos em Jó é o seu cuidado para desviar-se do mal. O desvio das coisas que o afastam de Deus. Jó não apressava seus pés para o mal, antes se afastava de tudo aquilo que desagradava a Deus. Ele sabia discernir entre o que era bom e o que era mau. E não sendo isso suficiente, ele se afastava do mal, daquilo que traria injustiça, defraudação e irritação à vontade de Deus.



*Quando  
começarmos  
a peregrinar,  
não podemos  
olhar para trás,  
mas seguir  
em frente*

Há ainda algo que chama a atenção: a identificação desse homem. O texto começa o descrevendo: *“Havia um homem na terra de Uz, e seu nome era Jó”*. Jó era reconhecido por suas características: integridade, correção, temor a Deus e desvio do mal. Quando esses adjetivos eram citados, o nome de um homem da terra de Uz era lembrado: Jó. Esse homem era reconhecido também porque orava e empenhava-se por seus filhos e família. Isso não significa que havia uma transferência de responsabilidade entre os filhos de Jó e ele. Porém, há aqui uma clara busca de um pai, um líder de família, para que seus filhos sejam entregues nas mãos do Senhor diante de um mundo cruel e, depois, vejam o exemplo do pai que busca incessantemente por sua famí-

lia. Um homem cujos bens e posses não o afastavam de Deus.

Havia um homem chamado Jó, assim como hoje deve haver homens e mulheres, jovens e adolescentes, cujos nomes sejam reconhecidos por terem as mesmas características, e estarem prontos para encararem os desafios do dia a dia.

Jó estava próximo de enfrentar grandes provações, mas seu comportamento e relacionamento com Deus eram garantias de que ele poderia ser levado ao vale da sombra da morte, porém, permaneceria firme. O Senhor estava com ele (Sl 23.4).

### **Os justos também sofrem**

O problema do pecado não atingiu apenas os primeiros pecadores. Ele



se instalou na terra por completo. Mesmo depois de Justificados, Adão e Eva continuaram sofrendo as consequências do pecado. Não era mais um problema só deles. Agora, é um problema da humanidade. Mesmo Jó sendo um homem íntegro, temente e reto, também estava sujeito às artimanhas do mundo decaído.

Enquanto Deus e Satanás discutiam na esfera celestial, Jó continuava a levar sua vida. Até que Deus permite que Satanás toque em todas as

áreas, menos em sua vida (Jó 1.12; 2.6). O que pode parecer uma fraqueza ou perda pela parte de Deus na verdade reafirma sua soberania, já que nada acontece sem sua permissão. Não há circunstâncias em nossa vida que estejam longe da compreensão e dos olhos do Senhor (2Cr 16.9). Assim como Deus permitiu que Jó fosse tocado por Satanás, o próprio Espírito de Deus levou Jesus ao deserto para ser tentado (Mt 4.1). Isso prova que Deus é soberano sobre todas as situações.

## » A LIÇÃO EM FOCO

Uma das perguntas que mais escutamos é: “Se Deus é justo e amoroso, por que permite que um homem como Jó sofra tanto?” “maioria das vezes, não entendemos o porquê, mas com a história de Jó podemos aprender o “para quê”. Jó passou por todas essas aflições para que tivesse uma experiência mais profunda com Deus. A Bíblia nos conta que Jó declara: *“Com os ouvidos eu tinha ouvido falar a teu respeito; mas agora os meus olhos te veem”* (Jó 42.5). Há aqui uma mudança significativa. Jó não só ouve histórias que o fazem crer em Deus. Agora, ele conta as histórias que ele viveu com o Senhor. O texto bíblico está nos desafiando para que nosso relacionamento com Deus não seja só um livro, ou história contada. Jó está nos desafiando a termos experiências pessoais com Deus.

Com sua experiência, Jó está apontando para o Cristo Redentor (Jó 16.33), e declara que podemos perder todas as coisas, só não pode nos faltar uma: a presença do Senhor. A história de Jó poderia ser sem sentido se terminasse antes do capítulo 42, mas, providencialmente, não terminou. Nossa recompensa é contemplar o Senhor, seja pelos seus feitos em nossa vida aqui, ou quando o encontrarmos no reino dos céus.

Nascemos sem nada, e morreremos sem nada (Jó 1.21). O que fica é o nosso legado. E o legado de Jó foi suportar as dores do mundo sem amaldiçoar o seu Deus. Seus bens, conquistas e relacionamentos são consequências de ser fiel e não esperar algo em troca. Não devemos adorar ao Senhor por causa de suas bênçãos. Mas, mesmo que o Deus da bênção não nos possibilite mais nada, já alcançamos o suficiente: a salvação eterna.

## » PRA TOMAR UMA ATITUDE

É ou não é uma grande aventura a vida de Jó? Mas, com uma diferença das demais histórias que lemos e ouvimos em contos e ficções. Em Jó encontramos um homem que reconhece a importância de ser temente a Deus. A certeza de que tendo Deus ao seu lado pode enfrentar o pior de seus inimigos, a maior das angústias, a mais profunda das necessidades, que sairá fortalecido e com um relacionamento ainda mais profundo com o Pai. Estaríamos dispostos a passar pelas experiências que Jó passou? Ou melhor, estaríamos preparados, com o coração desprendido das coisas e conectados com Deus para encarar grandes desafios? Jó nos desafia a estarmos prontos, para quando o dia mau chegar, possamos declarar que nos alegamos no Senhor, e que mudamos, para melhor, o patamar do nosso relacionamento com ele.

**TEXTO BÍBLICO**

JÓ 3-14

**TEXTO ÁUREO**

JÓ 9.2

# UMA DISCUSSÃO SOBRE O SOFRIMENTO

## » PRA COMEÇAR

Deus, por meio da Bíblia, nunca nos prometeu uma vida livre de problemas (Sl 34.19). Experimentamos o sofrimento como uma consequência da queda de Adão e Eva. Quando o pecado entrou no mundo, entraram também a dor, a tristeza, o conflito e a morte (Gn 3.16-19). Lidar com o sofrimento passa a ser constante na vida do ser humano. Toda a criação geme sob os efeitos do pecado e aguarda ansiosamente por um novo céu e uma nova terra (Rm 8.20-23). Isso nos leva a pensar que enquanto estivermos nessa vida, passaremos por momentos difíceis. O sofrimento então, de uma forma ou de outra, passa a ser inevitável para quem deseja viver uma vida piedosa em Cristo. A lealdade a Jesus, à sua vontade e aos seus padrões justos de vida, envolvem uma tentativa obscura do mundo em tentar desfigurar a nossa fé, comprar nossa identidade e negociar a nossa fidelidade. A promessa de Deus para nossa vida é que sejamos fiéis até a morte para alcançarmos a coroa da vida eterna (Ap 2.10). O sofrimento é um dos desafios que temos de vencer. Romanos 8.28 nos ajuda a entender que, uma vez firmados em Cristo, as adversidades não nos afastam dele, pelo contrário, cooperam para nos deixar ainda mais próximos dele.

# » COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

## A lamentação de Jó diante do ocorrido

Eclesiastes 3 vai nos dizer que “há tempo para todas as coisas”. Encontramos no capítulo 3 de Jó o tempo das suas lamentações. Estamos diante de um discurso que não busca o significado do sofrimento, nem a meritocracia do que está acontecendo e tampouco a sua origem. Jó não se culpa pelo o que está acontecendo e nem a Deus, isso virá depois. Aqui temos um homem exprimindo sua aflição. Sem procurar culpados e motivos, Jó está verbalizando a sua dor. Um exercício que ajuda a identificar o nível de seu sofrimento e alinhar seu posicionamento. Não há dúvidas que as suas expressões eram de dor, porém, mesmo diante de tanta adversidade, Jó não blasfemava contra Deus. Suas lamentações são expressões de quem está penando, mas não de quem está revoltado contra o Senhor.

Muitas vezes, consideramos um erro levar nossos sentimentos, mesmo quando não são bons, a Deus. Porém, estamos aprendendo com Jó que sempre deve haver sinceridade ao orar ao Senhor. Enquanto rogava a misericórdia do Senhor, Jó contava tudo o que estava sentindo, mas não ousava se distanciar de Deus. Há uma preferência em lamentar

com Deus do que entregar seu choro aos homens.

## Lançando as angústias aos amigos

Apesar de preferir entregar suas lamentações a Deus, Jó estava prestes a entregar seu choro também a outras pessoas. Seus amigos Elifaz (Jó 5; 4), Bildade (Jó 8) e Zofar (Jó 11) decidem fazer uma visita e, ao chegarem à casa do amigo, choraram, prantearam e buscaram consolá-lo diante de tantas perdas e sofrimento. Eles perceberam que a dor de Jó era muito grande e que seu estado de saúde também estava muito com-

*Enquanto rogava  
a misericórdia  
do Senhor, Jó  
contava tudo  
o que estava  
sentindo, mas  
não ousava  
se distanciar  
de Deus*

plicado. Esses homens eram verdadeiros amigos de Jó, mas, também, não entendiam o que estava acontecendo na vida de seu amigo. Diante da tragédia, eles começaram a desenvolver uma tese do que poderia ter levado seu amigo àquela situação. As piores acusações e críticas desumanas saíram desses homens. Na tentativa de buscar uma solução, acabavam piorando a situação de Jó, insistindo que ele deveria buscar o Senhor para livrar-se do castigo que o fazia sofrer ou que preparasse ofertas como indulgências de troca com Deus e ainda se arrepender dos pecados cometidos. Aqueles que vieram para serem consoladores e ajudadores, para tirarem o amigo do fundo do poço, refrigerando sua alma, estavam levando-o a uma situação pior ainda, golpeando-o com críticas que amarguravam sua vida.

A melhor régua  
para medir  
nosso sofrimento  
e consolar  
nossas lágrimas  
está nas mãos  
de Deus

### **Entregando as angústias para Deus**

A melhor régua para medir nosso sofrimento e consolar nossas lágrimas está nas mãos de Deus (Jr 29.11). Chorar e lamentar com os amigos não fizeram os problemas



e sofrimentos de Jó diminuïrem, pelo contrário, o deixaram ainda mais sobrecarregado. Logo após todos os questionamentos e discursos de seus amigos, Jó começa a questionar Deus, o único que poderia saciar seu desejo de respostas. Compellido, Jó levanta sua voz para questionar 16 vezes por que e a realizar 34 queixas contra Deus. Porém, não é porque Deus tem as respostas para tudo que podemos questioná-lo de qualquer forma. Diferente do que Jó imaginou que aconteceria, Deus não lhe respondeu quando e nem como queria. Jó estava aprendendo

que não é possível obrigar Deus a fazer algo. Até mesmo para livrar-nos do sofrimento é preciso estar atento ao tempo e propósito do Senhor. Quando o silêncio é rompido entre Deus e Jó, as respostas do Altíssimo encolhem a prepotência do homem sofredor. Precisamos crer que Deus detém toda a sabedoria e é poderoso para que da sua forma nos trate da melhor maneira possível e nos conduza para um relacionamento menos apegado às coisas desse mundo e mais conectados com o amor a ele mesmo.

## » A LIÇÃO EM FOCO

No capítulo 3, alcançamos um nível de intensidade mais profundo. Nele, ouviremos a declaração mais intensa que Jó fez até agora, do seu sentimento de impotência: *“Na verdade reconheço que é assim; mas como o homem pode ser justo diante de Deus?”* (Jó 9.2). Quem pode entrar em disputa judicial com Deus? Quem pode se atrever a ser juiz em causa própria sendo que do outro lado do plenário está o justo Deus, o Todo-poderoso? Jó está reconhecendo que não poderia ser tão justo quanto pensava ser diante de Deus. Compreendeu que sua natureza era inclinada ao seu ego, ao pecado, e que não era livre da culpa aos olhos de Deus. Não tem como escapar das mãos do Senhor (Is 43.13). Todos temos a natureza pecadora e fomos destituídos da glória de Deus (Rm 3.23). Deus conhece nossos pecados no mais íntimo e secreto e exige menos de nós do que merece a nossa iniquidade (Jó 11.6). Essa exortação nos leva a refletir sobre o arrependimento não só daquilo que fazemos, mas também nos arrepender do que pensamos e queremos. O apóstolo Paulo nos orienta sobre isso quando diz que

somos miseráveis pecadores nesse corpo mortal (Rm 7.24). Nosso coração deve estar alinhado ao Senhor reconhecendo que não somos bons como pensamos ser, mas que ainda seremos como ele deseja. O “melhor” homem longe de Cristo ainda é o pior sob a ótica da cruz. O “pioor” homem ao lado de Cristo é digno de ser convidado a estar no céu ao lado do Pai (Lc 23.43). Que sejamos exemplo no caminhar, tardios no tropeçar e sinceros em reconhecer que sem Cristo não temos a menor chance de nos apresentarmos diante de Deus.

## » PRA TOMAR UMA ATITUDE

A fidelidade a Deus não é garantia de que não passaremos por aflições, dores e sofrimento nesta vida. Aliás, Jesus ensinou que tais coisas poderão acontecer. A fidelidade é um ato de amor para com Deus por tudo o que fez por nós. É preciso ânimo para prosseguir e fé de que assim como ele venceu as dores do mundo, nós também podemos suportá-las. A Bíblia tem vários exemplos, além de Jó, de grandes homens e mulheres que passaram por grandes sofrimentos por serem agentes do reino de Deus. Diante do sofrimento não devemos ficar ansiosos sobre como seremos justificados. A maior justificação já foi feita por Deus (Rm 8.33). O nosso testemunho diante dos homens está sendo zelado pelo Senhor. O justo não ficará desamparado (Sl 37.25). Precisamos sempre nos lembrar de que não há dor maior do que possamos suportar (1Co 10.13) e que Deus não tem prazer no nosso sofrimento. O sofrimento que merecíamos foi destinado a Jesus (Is 53.4,5), e as dores desse mundo já podemos suportar.